



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Tribuna Piracicabana

Data: 04/11/2009

Caderno / Página Capa e A2

Assunto: Pesquisa revisa emissão de gases do efeito estufa

Pesquisa revisa emissão de gases do efeito estufa

Últimos dados eram de 1994; documento coordenado por professor do Cena pode ajudar na tomada de decisões em Copenhague

Cientistas do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena) e Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq/USP) publicaram na revista científica da USP - Scientia Agrícola - a revisão sobre emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) pelo Brasil. De acordo com o professor Carlos Cerri, coordenador da

equipe, os dados do primeiro inventário realizado no país são relativos a 1994, e é o que prevalece até hoje. O novo documento poderá auxiliar na tomada de decisões políticas, principalmente na próxima reunião da Conferência das Partes (COP 15), que acontece em dezembro, em Copenhague. **A2**

Agropecuária deve ser foco na luta contra gases estufa

Conclusão é de pesquisa publicada na semana passada na revista Scientia Agrícola, da USP, coordenada pelo professor Carlos Cerri, da Esalq

Daniel Damasceno

Cientistas do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena) e Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq/USP) publicaram na revista científica da USP - Scientia Agrícola - a revisão sobre emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) pelo Brasil. O documento poderá auxiliar na tomada de decisões políticas, principalmente na próxima reunião da Conferência das Partes (COP 15), a ser realizada em dezembro, em Copenhage.

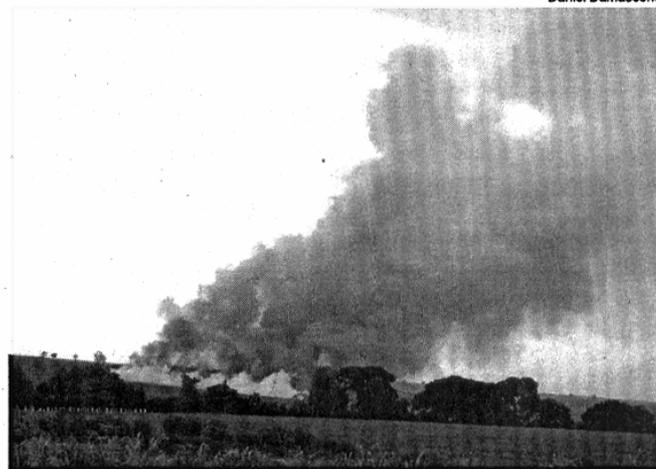
De acordo com o professor Carlos Cerri, coordenador da equipe, os dados do primeiro inventário realizado no país são relativos a 1994, e é o que prevalece até hoje. "Como participei de parte do primeiro relatório, atualizamos esses dados até 2005 utilizando a mesma metodologia do inventário anterior. Assim, calculamos as emissões a cada cinco anos, ou seja, 1990, 1995, 2000 e 2005".

A revisão apresenta cálculos feitos com base em cinco fontes de emissão - energia, processos industriais, agricultura, mudança de uso da terra e resíduos - bem como de suas sub-fontes, com muito detalhamento, além de oferecer um quadro inédito de emissões do Brasil.

Segundo o documento, a pecuária é o setor que merece maior atenção, pois tem um papel muito importante nas emissões do território brasileiro. Mas os cientistas entendem que a taxa de desmatamento no Brasil está diminuindo e deve continuar decrescendo, principalmente se forem aplicadas novas maneiras de trabalhar a pecuária, principal responsável pelo desmatamento, que ganharia em conhecimentos técnicos para reduzir a área que ocupa atualmente e, conseqüentemente, reduzir suas emissões.

De acordo com o estudo, o Brasil precisa, nos próximos dez anos, de 20 milhões de hectares para acomodar as expectativas de expansão na produção de alimentos, fibras e biocombustíveis para suprir o mercado interno e externo. "O grande desafio é expandir sem novos desmatamentos. O que é perfeitamente possível adotando um planejamento estratégico adequado nas áreas já ocupadas pela agricultura e pecuária", explica Cerri.

Para chegar a essa ocupação racional e sustentável das áreas agrícolas disponíveis, o Brasil já dispõe de tecnologias inovadoras. De acordo com os cientistas, é



Colibir queimadas está entre os fatores a serem vistos pelo governo no combate aos gases de efeito estufa

possível trabalhar na recuperação da pastagem degradada, no melhoramento genético animal, no confinamento, na adoção da integração lavoura-pecuária e tudo isso pode ser feito numa área menor, com maior produtividade, liberando espaço para expansão agrícola necessária, porém sem nenhum desmatamento.

A emissão total de GEE em equivalente em CO₂ aumentou em 17% durante o período de 1994-2005. O aumento de todas as fontes dos GEE, excluída mudança do uso da terra e reflorestamento, foi de 41,3% durante o período de

1994-2005, o que classifica o Brasil na 69ª. posição no ranking mundial de emissores.

O país aumentou suas emissões num ritmo menor do que os que foram calculados para a China e Índia, dois dos maiores emissores, com aumentos de respectivamente 88,8 e 62,1%. Mas está acima da média global que foi de 28,1%. Além de trabalhar pela redução das emissões dos setores de energia e desmatamento, o Brasil deve agora ter como meta prioritária a implantação de um programa nacional de incentivo às mitigações nos setores agrícola e pecuário.